

Sexo não é um esporte para multidões

S. I. HAYAKAWA

NAS ATUAIS discussões sobre pornografia e obscenidade, duas coisas são comumente confundidas: o que o ato sexual significa para seus participantes e o que ele representa para seus espectadores.

Idealmente, quando um homem e uma mulher praticam o amor, desfrutando-se um ao outro inteira e despreocupadamente, um relacionamento proveitoso se reafirma e se torna ainda mais rico. Mas, por mais belo ou sagrado que aquele relacionamento amoroso possa ser para os dois, teria um significado inteiramente diferente para quem o presenciasse. A atividade sexual não é obscena em si; a obscenidade está justamente na consideração do espectador.

S. I. HAYAKAWA foi, até recentemente, o reitor do San Francisco State College. Agora dedica-se a conferências, escreve uma coluna para uma cadeia de jornais e é consultor do Conselho Nacional de Educação Extensiva e Contínua, dos Estados Unidos.

O que estou afirmando é que a obscenidade só existe quando as atividades sexuais são vistas de fora, do ponto-de-vista do espectador. Esta é a raiz do problema da pornografia — considerando-se pornografia a obscenidade tornada pública, seja na literatura, seja pela sua simulação ou representação num *night-club* ou palco, seja nas artes, tais como a pintura, a escultura, a fotografia, o cinema e o teatro.

Uma pessoa pode estar completamente isenta de preconceitos sexuais e mesmo assim objetar a muitas das representações do ato sexual nos filmes e no teatro modernos. Os padrões de moralidade são uma coisa, mas os padrões de decoro são outra. Não há nada imoral no fato de uma pessoa trocar de roupa ou evacuar os intestinos, mas estas são funções para as quais as pessoas, em nossa cultura, normalmente exigem recato. O amor, da mesma forma, necessita dessa intimidade.

Em todas as épocas, inúmeros escritores célebres foram reticentes em suas descrições do sexo. Na *Divina Comédia*, de Dante, por exemplo, Francesca da Rimini fala de seu trágico amor por Paolo. Eles estavam lendo um velho romance e, à medida que liam, suas paixões subitamente os arrebataram. O que aconteceu? Dante faz com que Francesca simplesmente diga: «E a leitura parou naquele ponto.» O resto é deixado à imaginação do leitor — que não consegue deixar de sentir a força daquela paixão avassaladora e fatal.

O problema do ato sexual como um objeto de representação artística ou literária nem sempre é claro. Homens e mulheres se amam por uma série de razões diversas. Idealmente, o encontro sexual é o clímax do verdadeiro amor de um casal e do respeito de um pelo outro. Mas pode

ser também a expressão da embriaguez, da irresponsabilidade, da neurose; um instrumento de exploração ou agressão; ou ainda uma transação comercial. Para um espectador que não conheça as verdadeiras motivações por trás de cada uma destas diferentes situações, no entanto, aqueles casais estarão «todos fazendo a mesma coisa». Concentrar-se na mecânica do sexo é ignorar sua significação humana.

Hoje, os filmes já não se limitam a exhibir a cópula. Toda espécie de comportamento sexual aberrante e de perversão sadomasoquista é exibida. O principal propósito desses filmes — como se nota pela publicidade em torno deles — é, como o expressou o romancista D. H. Lawrence, o de «enojar o sexo».

Lutar pelo direito de exibição desses filmes? *Eu não.*



UMA SIMPLES lente de contato vermelha parece ser o primeiro tratamento efetivo para o daltonismo, uma doença hereditária que, de uma forma ou de outra, aflige oito por cento da população masculina. O Dr. Harry Zeltzer, um optometrista de Waltham, Massachusetts, descobriu, após centenas de experiências, que seus pacientes, enxergando através de uma lente vermelha, tornavam-se subitamente capazes de distinguir cores a que nunca haviam reagido antes, e, pela primeira vez, conseguiram ser aprovados em testes de visão de cores. Assim, vários dos pacientes do Dr. Zeltzer são agora capazes de desempenhar funções que não lhes eram permitidas antes, como, por exemplo, distinguir fios elétricos de diferentes cores. As lentes vermelhas estão sendo agora produzidas industrialmente em Boston, com o nome de X-Chrom. Diz James Driscoll, um escritor daltônico, no *National Observer*: «Quando uso as lentes, posso distinguir morangos num campo, maçãs numa árvore, e, dentro de uma loja, já não preciso perguntar ao vendedor de que cor é aquela gravata ou aquele terno!»

— *Science et Vie*